



Pentecostes (30/05/04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Gênesis 11:1-9

A pergunta que nos invade é: o que faz o texto de Gn 11:1-9 no dia de Pentecostes? Este texto habita há muito tempo o senso comum de quase todas as pessoas judias e cristãs como a explicação da diversidade cultural como um castigo de Deus. Depois de tudo foi o orgulho da humanidade que queria se tornar igual a Deus que o levou a confundir suas línguas e dispersá-los sobre a terra. Se fosse esse o sentido do texto, seria o contrário do que acontece em Pentecostes quando todas as pessoas de diferentes povos entendem os apóstolos como se falassem em sua própria língua (cf. At 2: 7-11).

Na verdade Gn 11:1-9 nem deveria ser chamado "A Torre de Babel" mas "A Cidade e sua Torre". O povo faz planos de construir uma cidade e uma torre (Gn 11:4) e quando Deus desceu para olhar, viu a cidade e a torre e não só a torre. No impulso comum entre muitos cristãos de muitas épocas de condenar tudo, se esqueceram da Cidade.

Parece que os exilados que recontaram a história da "Cidade e a Torre" não se referiam a toda a humanidade, nem a todo o povo, mas àquelas pessoas que queriam construir uma Cidade e uma Torre. A cidade e a torre combinadas eram o símbolo dos poderosos que para defender suas cidades e mostrar sua grandeza construíam torres altíssimas nas suas cidades. Não se tratava de camponeses, pastores ou beduínos do deserto, mas do que faziam cidades fortificadas. Estes mesmos tinham a pretensão de dominar o mundo todo (como até hoje) e não parece haver: "*restrição para tudo que intentam fazer*" (11:6b). Então a confusão da diversidade foi uma maldição contra os planos de grandeza e dominação dos que construíam a cidade e a torre, mas uma bênção para a liberdade dos povos que seriam dominados por eles.

Em Pentecostes estamos sob a dominação romana que pretende unificar tudo sob uma cultura e um língua. Esta era a famosa "Pax Romana". No entanto Pentecostes estabelece um sistema de tradução simultânea como na Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas ou no Fórum Social Mundial ou nas Nações Unidas, onde todos podem se comunicar gerando uma unidade que não impede a diversidade. Neste caso o diálogo não constrói cidades opressoras nem torres intimidadoras, mas busca construir a Paz. (HMG)

2ª leitura - Atos 2:1-11

É possível que esqueçamos algumas datas do calendário. Mas normalmente não esquecemos datas importantes da nossa vida e da vida de nossos amigos mais próximos. Será que poderíamos esquecer o dia de nosso próprio aniversário?

O dia de Pentecostes é visto por alguns estudiosos como o dia em que a Igreja nasceu. Hoje é o dia do aniversário da Igreja cristã. Todos os cristãos devem estar alegres porque hoje comemoramos o dia em que o Espírito Santo, prometido por Jesus veio morar em nós de forma plena e definitiva. O dia em que o Espírito Santo desceu é um dia marcante para nós porque ele ocorreu em um dia característico.



A descida do Espírito Santo ocorreu em primeiro lugar, em um dia festivo (vs. 1). Nos diz as escrituras que “cumprindo-se o dia de pentecostes”, ou seja, naquela festa que ocorria 50 dias depois da páscoa, e na qual os judeus celebravam a entrega da Lei feita por Deus ao povo por meio de Moisés, no monte Sinai. Jerusalém estava repleta de pessoas que vinham de todos os lugares para a celebração. A Igreja estava reunida em um pequeno cenáculo. Eram cerca de 120 pessoas (1:15) em oração (1:14) que aguardavam o cumprimento da promessa de Jesus. Nos diz o texto que eles estavam reunidos no mesmo lugar e em unanimidade quando o Espírito Santo veio. O mesmo Senhor que enviou o Espírito Santo à Igreja primitiva também espera que estejamos reunidos e unânimes para atuar em nosso meio pelo mesmo Espírito.

A descida do Espírito Santo ocorreu em segundo lugar, de forma marcante (vs. 2 e 3). A forma que assumiu a descida do Espírito Santo foi realmente marcante. O texto fala em um som como que de uma tempestade que vinha do céu. Era muito comum ouvir este vento nos momentos de teofanias registrados no Primeiro Testamento. O som do Espírito é o som do vento (Jo 3:8) que impulsiona nosso barco pelo oceano da vida. O texto fala de línguas como que de fogo que desceram sobre cada um deles. Assim como a lei de Moisés foi entregue na presença do fogo, nos lembra Mateus Henri que “o Espírito, como fogo, derrete nosso coração, queima a impureza e acende a piedade e o sentimento sincero na alma”. O importante é perceber que, com a vinda do Espírito Santo, ocorre uma teofania em nossa alma que a ilumina e a inspira para o anúncio do evangelho.

A descida do Espírito Santo ocorreu em terceiro lugar, gerando efeitos surpreendentes. Para Mateus Henri, “eles foram cheios com o conforto do Espírito, mais alegres do que nunca (vs. 4). A descida do Espírito Santo na vida dos discípulos produziu algumas consideráveis mudanças. Aqueles homens acabrunhados, envergonhados e tímidos, que haviam fugido dos judeus e se escondido no dia da crucificação, estavam agora agindo de forma diferente. A Bíblia nos diz que eles ficaram “cheios do Espírito”. Isto lhes deu autoridade para pregar o Evangelho a todos os presentes na cidade de Jerusalém. O medo deu lugar à intrepidez. Algo os animava. O texto nos diz ainda que ocorreu um milagre lá. Eles começaram a falar em outras línguas em outros idiomas. O texto enumera 16 lugares diferentes. Mas em todas elas os discípulos estavam falando das grandezas de Deus (2:11) dirigidos pelo mesmo Espírito.

O dia de Pentecostes traz um efeito que é contrário ao criado por Babel (Gn 11:1-9). Enquanto a profusão de línguas e idiomas na torre de Babel foi um sinal da maldição de Deus sobre um projeto que estava fundamentado na arrogância humana, este milagre que ocorreu em Jerusalém anuncia que o Evangelho deve ser pregado em todos os lugares e em todas as nações. Enquanto Babel separa as pessoas e as espalha, afasta e cinde, o evangelho, mesmo pregado em várias nações diferentes nos faz membros de uma única Igreja, o Corpo de Cristo. (JLFA)

Santo Evangelho (1ª opção) – João 20.19-23



No evangelho de hoje há, pelo menos, duas perícopes distintas que dificultam um pouco a preparação de um sermão que abranja os dois temas.

A primeira parte (vs. 19-23) fala: a) da paz trazida por Cristo aos discípulos que estavam trancados; b) do envio missionário; c) da mediação da comunidade missionária na outorga do perdão dos pecados.

A segunda parte (vs. 24-31) fala da dúvida de Tomé, das credenciais apresentadas por Cristo e da felicidade prometida aos que crêem sem exigirem as mesmas provas que Tomé exigiu.

Vamos enfatizar apenas a primeira perícopa. Ela se inicia com uma triste constatação: no primeiro dia da semana, o dia da nova criação, os discípulos estavam de portas fechadas, com medo. Naturalmente, o ambiente era hostil e o medo denotava toda insegurança da Igreja. Nessa situação, Jesus se apresenta “no centro” e saúda-os desejando lhes a paz. Podemos estabelecer uma boa ponte aqui para perguntar os motivos porque o cristianismo traz tão pouco impacto à sociedade. As igrejas têm bastante liberdade para celebrar suas liturgias de portas abertas nas manhãs de domingo, mas quando o assunto é testemunho e missão, a igreja se retrai, fecha as portas e timidamente prefere tratar de questões internas. Será por medo? Será porque no decorrer da história as comunidades já assumiram muitos compromissos com os príncipes deste mundo e agora já se sentem muito amarradas para expor as denúncias e a proclamação do Evangelho? O que dizer da voz calada e quieta de muitos grupos cristãos em nossos dias frente à crise ecológica, o desamparo à infância, o aumento dos desempregados, o endividamento dos países do Atlântico Sul e à onda crescente de preconceitos contra as minorias?

Muitas paróquias em sua realidade local temem se manifestar politicamente contra certos abusos e desvios das administrações municipais estaduais e federais. Isso acontece porque, em alguns casos, há párocos que temem perder a freqüência e o apoio financeiro de pessoas mais ricas e da elite e que não gostariam de ver seus interesses condenados do púlpito. Uma Igreja de portas fechadas é uma igreja inoperante, que se compraz em si mesma ou que pensa apenas na sua própria sobrevivência. Nesse caso, sequer mereceria ter o direito de ser reconhecida como “de utilidade pública”, pois em muitos casos, apenas ocupa espaço na cidade, mas o impacto que causa é mínimo, quase nulo. O que dizer do pároco que ficou decepcionado quando fez uma pesquisa em seu bairro para saber o que os vizinhos achavam da presença da Igreja e a maioria das respostas foi a seguinte: “Eu nem sabia que tinha uma igreja aqui em nosso bairro...”.

O/a pregador/a poderá enfatizar principalmente a íntima ligação entre a dádiva do Espírito Santo e a prática da comunidade que vive desse Espírito. A missão da comunidade é fazer brilhar no mundo a glória do Pai. Diante dessa luz, as pessoas se pronunciam positiva ou negativamente. Quando alguém rompe com o pecado e a injustiça que são legitimados no mundo e se propõe a viver conforme a mensagem de Cristo, essa pessoa é admitida na comunidade cristã, rompendo definitivamente com a injustiça e declarando que o pecado que domina o mundo já não terá domínio sobre ela. Essa é a afirmação que fazemos nas promessas batismais reafirmadas no rito da



confirmação: *"Renuncias ao mal e a todos os seus poderes que se rebelam contra Deus, corrompem e destroem as criaturas e nos afastam do amor de Deus? – Renuncio"* (LOC pg. 164 – Ofício de Batismo) e *"Reafirmas a tua renúncia ao mal" – Sim*". (LOC, pg. 177 – Ofício de Confirmação).

Contudo, os que persistem no pecado e na injustiça, comprovam por si próprios que nunca, de fato, renunciaram a tudo isso. Por isso não devem ter influência sobre a comunidade, enquanto não se arrependem verdadeiramente. Para isso, a Igreja oferece na liturgia, a oportunidade do arrependimento, reconhecimento sincero do pecado e conseqüente absolvição.

Quando Cristo tornou-se o centro daquela comunidade de discípulos que se reuniam com as portas fechadas, tudo mudou. Eis aí outro ensinamento do texto: quando o centro da vida da igreja é Cristo e não outros interesses, a Igreja redescobre sua verdadeira natureza e missão. E a primeira dádiva de Cristo aos seus é a dádiva da Paz. Esse é um tema muito forte em nossa liturgia eucarística. Após a comunhão, oramos "... envia-nos agora ao mundo em paz e concede-nos coragem e fortalecimento para servir-te com alegria e singeleza de coração". Depois, na despedida solene, ouvimos as palavras: "Ide na paz de Cristo, sede corajosos e fortes no testemunho do Evangelho". A Eucaristia também é alimento para a missão e não só para a satisfação pessoal, conforme reconhecemos na Oração Eucarística A (LOC pg. 83). (CEBC)

Santo Evangelho – (2ª opção): João 14: 8-17

O que você diria a um filho se estivesse prestes a morrer? Quais seriam suas últimas palavras? Suas últimas instruções? O que você diria ao seu filho que teria que enfrentar a vida sozinho, sem a sua presença?

No capítulo 14 do Evangelho de João, Jesus acentua a possibilidade de sua ida ao Pai e inicia um discurso onde ele pretende trazer paz aos corações preocupados com o que está prestes a acontecer. Logo no início há uma palavra forte de Jesus: "não se turbe os vossos corações" (v.1), depois temos uma promessa: "quando eu for... voltarei e levarei vocês comigo" (v.3). Por mais tranquilizadoras que sejam as palavras de Jesus, este capítulo não deixa de ser uma palavra de despedida aos discípulos. Mas, justamente no centro deste capítulo (vs. 15-17), Jesus revela algo importante para os discípulos. Há aqui, uma Promessa de socorro para os dias de solidão. Nestes três versículos encontramos pelo menos três grandes verdades sobre esta promessa de socorro.

Em primeiro lugar encontramos sua condição. (v.15) Não são todos os que conseguem encontrar socorro nos dias de solidão. Somente aqueles que amam a Deus e são capazes de expressar este amor por meio da obediência. Na realidade, este binômio amor/obediência é muito comum na literatura joanina. E a razão nos parece clara: não há amor verdadeiro que não produza obediência. Não podemos dizer que amamos a Deus se odiamos nosso irmão e, conseqüentemente, desobedecemos suas ordens. Somos convidados pelas Escrituras a não amar "apenas de palavras, mas de



fato e de verdade". Isto não significa que Deus só estará conosco quando formos fiéis, mas que o consolo de Deus só nos parece presente quando nossa sensibilidade está ativada por uma vida de submissão e de santidade.

Certa vez uma criança perguntou ao seu pai, enquanto se dirigiam à igreja: "Papai, o que é um cristão?" Imediatamente o pai respondeu: "meu filho, um cristão é alguém que ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"; "um cristão é alguém que é capaz de se doar pelo outro, é alguém que refreia a língua, alguém que se compraz em fazer a vontade de Deus, enfim, alguém que segue nos mesmos passos de Jesus". Ouvindo esta descrição o garoto retrucou: "papai, quando a gente passar por um o senhor me mostra?".

Em segundo lugar, encontramos *sua* descrição. (vs. 16) Além de condicionar o socorro ao exercício do amor/obediência, em segundo lugar este texto descreve a natureza deste socorro. Ele é chamado no verso 16 de "consolador" e no verso 17 de "Espírito da verdade". O escritor está se servindo de uma expressão jurídica aqui. No texto grego "consolador" é a tradução de *parácleto* (para-kaleo) que encontra um paralelo no latim *advogado* (Ad-vocatur). De fato, o Espírito Santo passa agora a ser aquele que está ao nosso lado e que se pronuncia por nós. Ele é nosso consolo e nosso defensor quanto tudo parece estar dando errado.

Um amigo me contou como foi sua primeira experiência ecumênica internacional. Em um hotel extremamente grande, estavam presentes cerca de 800 pessoas dos mais diferentes lugares do mundo e das mais variadas denominações cristãs. Aquele rapaz sozinho rodeado de pessoas falando em idiomas os mais diversos, vestindo roupas as mais diversas estava se sentindo um peixe fora d'água até que apareceu alguém que ele conhecia. Falar em sua própria língua com um amigo quando não se conhece ninguém ao redor é uma experiência maravilhosa. Durante todo o encontro ele não se separou de seu amigo. O espírito Santo é a pessoa que está ao nosso lado nos momentos mais difíceis.

Em terceiro lugar, a promessa de socorro, além de ter sua condição e sua descrição, tem também *sua duração*. (vs. 16) De acordo com o versículo lido este Consolador estaria conosco "para sempre". Isto certamente deve nos encher de alegria. E esta alegria é o resultado da tomada de consciência de que a presença do Espírito em nós não é uma realidade ocasional ou sazonal. Ele não estará conosco apenas nos melhores momentos ou durante o período em que permanecermos no culto. Ele estará conosco mesmo nos momentos que nos esquecemos dele, nos momentos em que nos esquecemos de Deus, nos momentos em que não damos ouvidos às palavras de Deus. Ele nunca nos deixa em nenhum momento de nossas vidas. Mesmo quando somos infiéis ele permanece fiel, diz as Escrituras.

Lembre do sonho das pegadas na areia. Nossa vida é como uma longa caminhada na areia. Nos momentos felizes, quando olhamos para trás, vemos dois pares de pegadas: as nossas e as de Deus. Ele está ao nosso lado. Mas nos momentos difíceis e tristes, quando olhamos para trás vemos apenas um par de pegadas na areia. E, então perguntamos: será que Deus os abandonou justamente nos momentos mais difíceis de minha jornada? A resposta do Senhor é: "Não meu filho!", eu não te abandonei; nos momentos mais difíceis de sua jornada eu te carreguei nos meus braços. (JLFA)